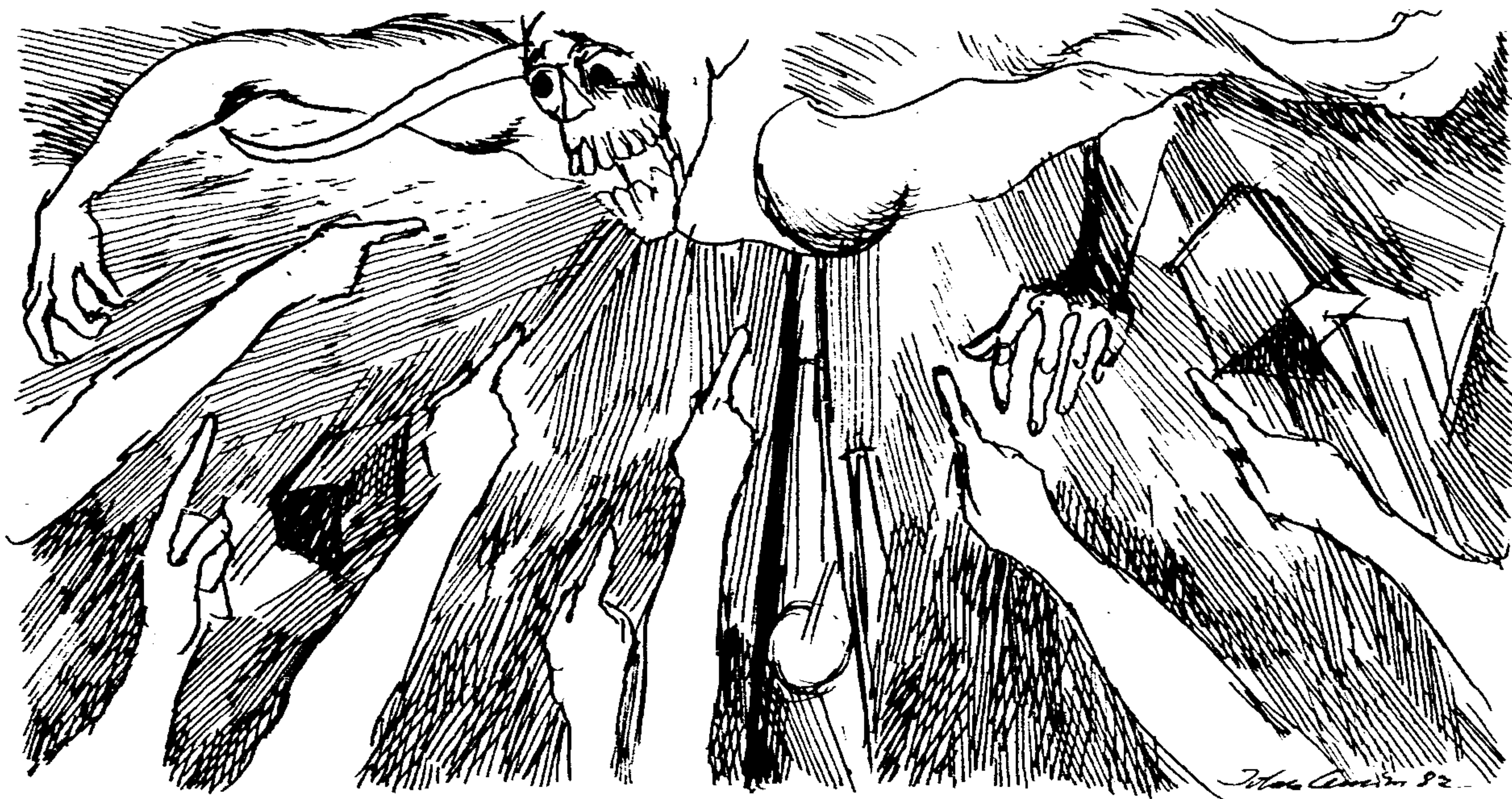




OS PARAÍÇOS ARTIFICIAIS DA DROGA

É preciso admitir que, ainda que provoque a ruína física e mental, a droga pode levar à confraternização, à alegria e ao prazer. E até mesmo é capaz de abrir, em certos casos, as portas do conhecimento e da percepção, como demonstrou Aldous Huxley. No entanto, as criaturas devem ter tudo isso sem recorrer a ela. Embora os homens se droguem por serem incertos e infelizes, não estão fechados para eles os caminhos da recuperação, conforme demonstram pesquisas de estudiosos.

Luiz Fernando Emediato

Num de seus mais controvertidos livros, *As Portas da Percepção*, Aldous Huxley afirma ser extremamente improvável que a humanidade seja capaz de transpor a vida sem sonhar, buscando, das mais variadas formas, a ilusão do paraíso. "A maioria dos homens e mulheres — escreveu Huxley — leva uma vida tão sofredora em seus pontos baixos e tão monótona em suas eminências, tão pobre e limitada, que os desejos de fuga, os anseios para superar-se, ainda por uns breves momentos, estão e têm estado sempre entre os principais apetites da alma."

Arte, religião, carnavais, participação política — com o uso destes meios o homem tenta transpor a muralha que o limita e o faz sofrer — argumentava, por sua vez, outro escritor, H.G. Wells, que, as-

sim como Huxley, também teve seu período de pessimismo e desencanto. Ambos recriaram, por intermédio da arte, utopias ao contrário: na *Máquina do Tempo*, Wells fala de uma humanidade dividida entre duas raças: uma, selvagem e canibal, detém o poder tecnológico; a outra, bela e apática, serve de gado para a primeira. No *Admirável Mundo Novo*, Huxley oferece-nos também o apavorante universo da antiutopia.

Diante do abismo, da insegurança universal, da perspectiva de uma hecatombe nuclear capaz de destruir em segundos o que a natureza construiu ao longo dos séculos, desde a primeira molécula ao conjunto que levou ao *Homo sapiens* — o único animal que pensa e, pensando, tem consciência do ser, sabe que existe e, existindo, é também finito, morre —, os homens se sentem a cada dia mais perplexos. Vivemos a era das grandes indagações.

Friedrich Nietzsche afirmava que "a história da cultura humana é dominada por uma luta, jamais decidida, entre Apolo, o poderoso deus da Luz, da Disciplina, da Razão e do Progresso, e Dionísio, o

descabelado deus do Sono, do Êxtase, do Narcótico". Se essa luta ainda era, ao tempo de Nietzsche, "jamais decidida", hoje ela pende para o extremo dionisíaco: numa sociedade que alia a perplexidade ao hedonismo, a busca — válida, desde que serena — do prazer e do não-racional já assumiu as proporções de uma quase anomalia.

Cresce o uso da droga a partir de 1960, depois da Guerra do Vietnã e da revolução sexual

Para o filósofo Julian Marias, é a primeira vez, na história do Ocidente, que o homem foge da razão, em grande escala, para entregar-se não ao conhecimento de sua realidade — como propunha Aldous Huxley, ainda que com o uso da mescalina, uma droga —, mas à pura alienação, tornando-se, assim, perfeito escravo de suas próprias fantasias. O uso de drogas no

Ocidente cresceu espantosamente a partir da década de 60, a década da Guerra do Vietnã, da falência do prove-nir socialista, da revolução hippie, da liberação sexual e do avanço do individualismo.

Muitos adultos usam drogas, mas o público potencial dos estimulantes, depressores e alucinógenos sempre foram e são os jovens. Idealistas ou ingênuos, rebeldes, impacientes, quase sempre cruelmente oprimidos por um autoritarismo que tem raízes na própria família e estende-se a seguir por toda a sociedade, os jovens geralmente não encontram espaço para atuar livremente. E, por isso, se angustiam.

Diante de uma família à beira da falência, de uma escola que não acompanhou o fantástico desenvolvimento científico e tecnológico das últimas décadas, e não oferece ao estudante nenhum atrativo, condenado a não acreditar — e com muita razão — numa sociedade construída e mal dirigida por adultos, os jovens mais conscientes encontram-se como que acorrentados diante de um muro difícil de transpor. Os outros — maioria silenciosa —, que

não se interrogam e se enteram na inconsciência, encontram-se, por sua vez, diante não do muro (pois não o vêem, posto que são cegos), mas de um amargo vazio: o vazio da ingênua ignorância, o vazio da inocência e da alienação.

Se os integrantes da maioria silenciosa quase nunca se drogam, é lícito afirmar que a droga em si não é um grande problema, ainda que seja — pois o é — um problema. A grande questão é, como não poderia deixar de ser, uma pergunta: por que, afinal, as pessoas se drogam? Encontrada a resposta para essa indagação, é óbvio que, mais importante — e mais fácil — que extinguir a droga, será extinguir ou minorar as causas que levam as pessoas a se drogar, fugindo de uma realidade que passam a considerar cruel e insuportável.

Um dos maiores especialistas mundiais no assunto, o médico-chefe do Centre Medical Marmottan, de Paris, Claude Olienstein, afirma, no prefácio do livro *Drogas e Drogados*, que "a droga tornou-se um mito e transformou-se num campo de batalha; e não devemos

Luiz Fernando Emediato, jornalista e escritor, acaba de ganhar o Prêmio Esso de Jornalismo e o Prêmio Roquette Pinto de Imprensa por seu livro *Geração Abandonada*, uma série de reportagens e ensaios sobre a juventude e o uso de drogas. ✱ Italo Cenci, pintor e ilustrador brasileiro, com várias exposições no Brasil e no Exterior.